

O ATO DE CRIAÇÃO DIANTE DO SABER INSTITUÍDOⁱ *

PRÉ-PÓS-FÁCIO

João Francisco Neves

Este texto é o Prefácio de um ensaio maior intitulado “Projeto para uma Psicanálise no Século XXI. Segundo Extrato: A Escuta Psicanalítica da Família. Segundo Esboço de uma Metapsicologia – O Espaço α : De uma Hipótese a uma linha de pesquisa”.

Apresentado, inicialmente, no Colóquio realizado em 30/05/2009 no PHORUS *i.p* - Instituto de Psicanálise. A versão atual traz algumas modificações substanciais alterando em alguns pontos, de forma significativa, o seu conteúdo.

“Não quero de modo algum que fabriquemos teorias, elas têm que aparecer de repente na nossa casa feito convidados inesperados, na hora em que estamos ocupados com pesquisas de detalhes.”

SIGMUND FREUDⁱⁱ

“Todo psicanalista tem que sempre inventar, conforme o que conseguiu retirar do fato de ter sido por um tempo psicanalizando, a maneira como a psicanálise pode durar.”

JACQUES LACANⁱⁱⁱ

“Não estou certo de ter razão; estou certo de que isso deve ser pensado”.

JACQUES DERRIDA^{iv}

* Texto apresentado na VIII Jornada do Phorus *i.p.*, 2010

RESUMO

O presente ensaio tem como objetivo, a partir de uma experiência clínica singular e de longa reflexão teórica, fazer algumas considerações sobre os impasses vividos por quem se atreve a alterar ou sugerir alguma modificação, seja na teorização, seja na práxis analítica. O tema da criatividade em Psicanálise torna-se mais delicado quando as alterações envolvem mudanças extensivas e substanciais. O autor pretende ainda examinar os novos questionamentos impostos pela pós-modernidade; as implicações e as resistências a que estão sempre sujeitos os psicanalistas; Freud como ponto de partida de todos os impasses; os novos impasses oriundos dos impasses de Freud. O autor propõe uma saída, a partir do objeto transicional de Winnicott e do objeto “a” de Lacan, para os impasses e o mal-estar dos analistas envolvidos com o processo de criação.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise, ato de criação, saber instituído, Freud, casal, família, psicanálise a distancia, espaço, Winnicott, Lacan.

1. A questão que me proponho a examinar e suas implicações

As alterações que me propus a fazer e que têm sido objeto de estudo e discussão em nosso meio são as seguintes, guardando todas elas interdependência entre si:

Primeira - *Criação do conceito de espaço α^v* ;

Segunda - *Reexame do conceito de sujeito em Psicanálise a partir das alterações da Clínica^{vi}*;

Terceira - *Parâmetros de um novo modelo de enquadramento^{vii}*;

Quarta - *Psicanálise de Casal^{viii}*

Quinta - *Psicanálise de Família^{ix}*

Sexta - *Psicanálise a Distância^x*.

É importante frisar que a introdução destes novos conceitos é fruto de uma longa vivência clínica que posso assim distinguir:

Primeiro: *como analista no sentido clássico, tal como foi a prática de Freud*;

Segundo: a partir dos impasses com os quais nas últimas quatro décadas fui levado a conviver, seja em nível da clínica enquanto tal, seja em função das mudanças subjetivas ocorridas nos últimos decênios no mundo.

Isto significa, entre outras questões, que colocar a Família e o Casal em Psicanálise implica na introdução de um tipo de paciente diferenciado – não, simplesmente, o clássico Sujeito freudiano há muito conhecido. A prática de uma Psicanálise a distância traz, igualmente, novas questões para a escuta psicanalítica. Em todos estes casos trata-se de um sujeito que, sob certas circunstâncias, tem os seus “limites subjetivos” alterados – seria possível, nestes casos, se falar de um sujeito pré-edípico? Envolvido que está em uma série de conflitos, levando o analista a redefinir, a cada passo, as suas posições teóricas e clínicas. Em função dessas novas demandas, a presença da Psicanálise nestas áreas modificou substancialmente não só a especificidade da sua escuta como agregou novos conceitos à chamada Psicanálise Clássica. É sabido que a **escuta analítica** jamais será a mesma a partir do momento em que o analista se propõe também ficar na **escuta** do casal, da família e/ou a distância.

Uma breve sinopse do homem pós-moderno dá uma ideia bastante clara da importância e da necessidade desses novos enfoques que me propus introduzir na teoria e na clínica. Em 2004, eu disse^{xi}:

Nestes novos tempos, não se pensa mais em analisar como se vinha fazendo até então, somente algumas modificações no social e sua incidência na subjetividade de cada sujeito. Ao contrário, o que se percebe, na atualidade, é um fato incontestável: observa-se uma espécie de mutação, nunca vista antes, se processando, de forma rápida, alterando todo o tecido social e produzindo efeitos de toda ordem^{xii}.

Sendo assim, como eu disse acima e em outros lugares, estas alterações, introduzidas por mim na Clínica e, conseqüentemente, na Teoria, são frutos dessas novas demandas que surgiram na segunda metade do século passado – o sujeito freudiano tal como o conhecemos continua existindo, mas apareceram outras formas de sintomas, fruto das transformações sociais e novas formas de subjetivação. Um fato visível e incontestável: em muitos casos, a forma como a demanda se apresenta hoje é bem diferente da que ocorria, por exemplo, no início dos anos sessenta. Naquele tempo, eu muitas vezes ouvi a seguinte frase:

“caso ruim não tem indicação de análise” ou “é impossível tratar de um sujeito que está fisicamente ausente”. Por outro lado, uma das possíveis causas, dentre outras, desses novos sintomas, que sempre chamaram a atenção e, penso eu, a atenção de muitos outros, é o progressivo esfacelamento da figura de autoridade em todas as esferas sociais – a brusca queda da verticalidade e o expressivo aumento da horizontalidade quando se propõe falar de limites... Em muitos casos, uma *Psicanálise de Casal ou de Família*, num primeiro momento, é uma indicação a ser levada em conta. Entretanto, a mobilidade constante de muitas pessoas por razões de trabalho ou estudo põe em relevo a viabilidade ou não de uma *Psicanálise Presencial*. Nestas situações, a indicação de uma *Psicanálise a Distância* deve ser sempre considerada.

2. Freud: o ponto de partida do impasse

No meu entendimento, Freud vislumbrou que não éramos senhores apenas do nosso próprio quintal. O que ele intuiu foi muito mais além: ele percebeu que, progressivamente, estávamos em vias de descobrir uma nova galáxia. Ciente da dimensão extraordinária deste achado – o *inconsciente* –, ele demarcou algumas áreas e, em muitas outras, fez apenas meras indicações, deixando para os analistas do futuro a árdua tarefa de mapear o restante, o que não só não é pouco como representa o acesso a outros mundos ainda desconhecidos de todos nós. Em um texto de 1918, “Linha de Progresso da Terapia Psicanalítica”, ele diz:

Como sabem, nunca nos vangloriamos da inteireza e do acabamento definitivo de nosso conhecimento e de nossa/de capacidade. Estamos tão prontos agora, como estávamos antes, **a admitir as imperfeições da nossa compreensão, a apreender novas coisas e a alterar os nossos métodos de qualquer forma que os possa melhorar.** (Grifo meu) (FREUD, v.XVII, p.201).

O pedido de Freud me parece claro: ele solicita que todos os analistas se proponham alterar a *Psicanálise* naquilo que julgarem que a pesquisa e a reflexão exijam tanto de novos posicionamentos teóricos e clínicos. Mas para assim procederem, todos os envolvidos neste projeto têm um encontro com a figura dominante de Freud como o **Primeiro Analista**. Este ícone que ele se tornou trouxe para todos nós, que chegamos depois, algumas situações, em si

mesmas, no mínimo ambíguas: ao mesmo tempo em que somos alertados por ele a seguir em frente nas pesquisas psicanalíticas, somos alertados, em vários pontos da sua obra, no sentido de preservar a todo custo a sua pureza. Em um texto^{xiii} escrito por mim há vinte e um anos, eu me refiro a esta última questão. como sendo uma defesa extremada, por parte de Freud e de seus seguidores de então, dos princípios que deveriam nortear o pensamento psicanalítico. Então, eu dizia:

A Psicanálise, seja como método de investigação, seja como método psicoterápico ou teoria psicológica e psicopatológica, foi marcada por um fato único em toda a história da ciência. Logo após a sua criação, formou-se uma espécie de batalhão de choque, que tinha como objetivo principal protegê-la de eventuais des (dez) vios. Era o famoso Comitê, idealizado por Ernest Jones, logo após as defecções de Alfred Adler, Wilhelm Stekel e C.G. Jung. Esse Comitê era chamado por seu idealizador de Velha Guarda, Paladinos de Carlos Magno e Sociedade Secreta. Sándor Ferenczi achava que os membros dessa guarda deveriam marcar presença em diferentes centros ou países e ser, na medida do possível, homens analisados por Freud^{xiv}.

As causas desses impasses tanto teóricos quanto clínicos que a Psicanálise vive hoje me parecem claras se considerarmos que todos nós analistas, sem distinção de escola, estamos profundamente identificados com ele - Freud -, seu pensamento e por que não com sua conduta como sujeito. Se, por um lado, esta transferência maciça dos analistas em relação a Freud pode se tornar paralisante, por outro lado é o único caminho conhecido, pelo menos num primeiro momento, para se aproximar da Psicanálise. Olhando a questão por este ângulo – estamos permanentemente presos a uma transferência de natureza paralisante –, não me parece difícil perceber que muitos analistas se sintam como que impotentes na tentativa de levar avante as inovações que as pesquisas psicanalíticas requerem e que o próprio Freud deixou claro em várias passagens de sua obra. Daí o fato de muitos textos psicanalíticos serem muito mais uma série de comentários sobre a Psicanálise - uma verdadeira exegese – do que propriamente um texto psicanalítico que traga uma contribuição inovadora. É visível que um grande número de analistas está mais preocupado com o texto analítico do que propriamente com o paciente e suas implicações com o mundo.

3. Dos impasses de Freud aos nossos impasses

Neste ponto, eu convido o leitor a me acompanhar, por um bom tempo, na leitura de um texto do analista *Dr. Antonio Franco Ribeiro da Silva*, nosso conterrâneo, infelizmente, já falecido. Vou citá-lo entremeando comentários feitos por mim que considero pertinentes a este momento vivido pela Psicanálise. O título do ensaio vem muito a propósito: *O Saber Instituído e a Criação*^{xv}. Depois de tratar das peripécias vividas por Freud nas suas relações tensas com a Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, a respeito da etiologia da Histeria, o nosso autor pontua:

É possível, na psicanálise, o ato criador quando se pensa apenas sob o modelo teórico? Em outras palavras, dentro da rigidez de um pensamento instituído há lugar para o ato criador? Chamo, neste momento, pensamento instituído tanto aquele adotado por uma determinada Instituição Societária como também aquele de uma determinada escola ou corrente da psicanálise que segue rigidamente uma determinada e única teoria. Chego mesmo a pensar que a rigidez das Instituições Psicanalíticas antigas, no sentido de Sociedade legalmente constituídas, está sendo substituída pela rigidez com que se segue uma determinada escola ou teoria psicanalítica. A pergunta pode parecer um tanto facciosa, pois eu digo rigidez, com isso deve-se supor que existem correntes de pensamentos psicanalítico que não são rígidas.

Se olharmos, hoje, as sociedades psicanalíticas, através, por exemplo, da sua produção teórica e sua prática clínica, tem-se a impressão, em muitos casos, de estarmos diante do “homem de um livro só”. O conteúdo dos seus cursos e seminários gira em torno de um determinado autor. Suas revistas, um coro de repetição de um mesmo tema ou assunto. Dificilmente, o autor de outra “escola” seria convidado para escrever numa publicação que não do seu próprio grupo. Esta fidelidade indiscutível ganha longe das religiões mais sectárias que conhecemos e tem características, de forma bem disfarçada, das organizações militares - é o triunfo, incontestável, do pensamento único. Sua natureza fálica é indiscutível. O autor que estamos rastreando continua:

A grande questão que se coloca a este respeito é que a criação em psicanálise implica o aparecimento de novas ideias e por meio delas alterações na clínica. Ora, enquanto a Instituição funciona como

detentora de um saber, ela transforma o discurso psicanalítico em discurso do mestre ou universitário, que pode até ser necessário em certos momentos, mas que não pode ser permanente.

O que se observa hoje nas instituições psicanalíticas é o fato de que, à medida que envelhecem, tornam-se mais rígidas e controladoras. Os seus textos não passam de variações de um mesmo tema. É preciso destacar que esse controle é exercido de forma, eu diria, *subliminar*, ou se quiserem inconsciente. Desejo deixar claro que os membros dessas instituições, na sua maioria, são pessoas cultas, muito preocupadas com a ética e, como eu disse acima, extremamente apegadas ao texto psicanalítico. Entretanto, não percebem que estão aprisionadas. Neste sentido, mais parecem com o principal personagem do filme conhecido como “O Show de Truman^{xvi}”. O referido personagem, bem como muitos membros de algumas instituições que conhecemos, está sob o controle de um Diretor de Cena que tudo vê e tudo prevê. No caso da Psicanálise, um determinado analista – Freud ou um dos seus sucessores – objeto da transferência maciça por parte dos membros de determinada sociedade psicanalítica, é o já mencionado Diretor de Cena, um verdadeiro Oráculo, ao ser interrogado ou não, pronto a responder a todas as questões^{xvii}. Em muitos casos, o referido Diretor de Cena é uma figura “imaterial”-, subliminar/inconsciente –, uma verdadeira estrutura de um supereu que não conhece limites.

Um pouco mais à frente, o *autor* que estamos rastreando acrescenta:

Enquanto anteriormente os candidatos em formação estudavam diferentes autores, de diferentes linhas teóricas, nota-se que atualmente esta diversidade está se tornando cada vez mais limitada. Chega-se mesmo a estudar apenas o pensamento ou a teoria de um único autor, constituindo aquilo que seria a formação na teoria de tal ou qual autor. Pode-se então escutar frases como esta: mas isso não é psicanálise. Ou então: esta não é minha psicanálise.

Este trecho de Antonio Ribeiro, falecido há mais de uma década, me parece premonitório. Na quase totalidade das instituições psicanalíticas a entrada de um novo membro é pautada pelo igual... o diferente não tem vez. O lema, que passa subliminarmente, é o seguinte: só entra se for parecido comigo, isto é, rezar na mesma cartilha que eu rezo. Ou seja, para entrar em determinada

instituição, o fundamental é pensar e escrever segundo os cânones que a sociedade considera como a **única e verdadeira psicanálise...**

Mais à frente *Ribeiro*, finalizando o seu texto, acrescenta:

A revista ou órgão de divulgação de uma instituição psicanalítica veicula tranquilamente ideias novas e diferentes da teoria oficial da instituição? Não se pode esquecer que a criação na psicanálise, repito, está diretamente ligada ao aparecimento de novas ideias. Contudo, também não se pode esquecer que a psicanálise somente foi criada por Freud pela simples razão de ele ter conseguido fazer uma autoanálise. Assim sendo, a psicanálise é uma criação de si mesma, sem nenhuma interferência. (...) O verdadeiro campo de criação do psicanalista encontra-se na clínica. É aí que a criação deve ter lugar de forma permanente. Talvez a tendência à rigidez teórica – como reflexos na clínica, obviamente – seja o resultado de o psicanalista identificar-se com o Mestre criador da teoria. Mas existe ainda um fator paradoxal: pessoalmente acredito que uma instituição, corrente ou escola psicanalítica somente será verdadeiramente criadora, quando ela segue uma linha de um Mestre. É preciso que haja um Mestre, que pelo menos faça semblant de saber para que haja a quem se possa oferecer a criação.

Como eu já disse antes, as publicações dessas sociedades, na sua maioria, parecem um hino de uma nota só – os textos são repetitivos. Antonio Ribeiro, de forma sábia, nos deixa um paradoxo. Uma coisa me parece inquestionável: não há como não se identificar, num primeiro momento, com o Mestre Fundador – Freud – ou, num segundo momento, com um ou outro dos seus sucessores. Por outro lado, uma identificação maciça, com características paralisantes, pode tornar o futuro analista um mero repetidor dos achados e articulações dos seus antecessores. Há uma forte tendência a um reducionismo teórico-clínico. Parafraseando Lavoisier, eu diria que nestas condições, *na Psicanálise nada se cria... nada se perde...tudo se repete....* Se nos lembrarmos que em cada análise a Psicanálise é novamente reinventada, o que pensar de tudo isto? – Existiria uma saída possível?

4. A questão está posta: o que fazer, ou seja, quais as possíveis reflexões que possibilitariam um primeiro passo para nós – analistas – sairmos deste mal-estar que nos conduz a uma alienação?

Neste contexto, a lembrança de Pierre Bourdieu, no trecho a seguir me parece que dá o tom dos impasses a que toda produção científica, inclusive a psicanalítica, está sujeita:

O universo “puro” da mais “pura” ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas (...). O campo científico, enquanto sistema de relações objetivas entre posições adquiridas (em lutas anteriores), é o lugar, o espaço de jogo de uma luta concorrencial. O que está em jogo especificamente nesta luta é o monopólio da autoridade científica, definida, de maneira inseparável, como capacidade técnica e poder social; ou, se quisermos, o monopólio da competência científica, compreendida enquanto capacidade de falar e agir legitimamente (isto é, de maneira autorizada e com autoridade), que são socialmente outorgadas a um agente determinado.(BOURDIEU,P.citado por PACHECO FILHO et al., 2000,p. 34).

Pelo visto, se no campo da Ciência estariam em jogo interesses não expressos, supõe-se que na Psicanálise as práticas clínicas e as articulações teóricas seriam com muito mais razão sobredeterminadas. Como bem comenta Pacheco Filho, é ilusório e artificial tentar separar os *interesses intrínsecos da Ciência dos interesses extrínsecos aos seus objetivos*. Ou seja, não há como fugir dos processos históricos nos quais o sujeito estaria inserido. No texto “*Uma vez mais, um sonho*” assim eu me refiro a propósito desta questão:

... É preciso sinalizar que a Psicanálise, assim penso, como qualquer outra criação humana, está ancorada no mundo e presa, ainda, a uma ideologia... (NEVES, 2005, p.9)

Em um segundo texto de que eu escrevi, anos atrás, eu afirmo que estão presentes tanto os interesses intrínsecos quanto os extrínsecos acima referidos. Nele, eu trato das questões teóricas, da criação e suas relações com a figura do fundador da Psicanálise, e por alguns de seus sucessores, vistos pelos analistas como um ícone. Apesar de longo o trecho merece ser transcrito:

[...] A proposta é a de que todo psicanalista se liberte da identificação com a figura oracular de Freud e se identifique com a palavra do psicanalista Freud... ou seja, “... Procurar se situar num espaço que pensa o pensamento de Freud..”. Só haveria criação

quando houvesse transcendência...”.] é possível conjecturar que, para mais além do olhar dos analistas para Freud, este olha os analistas e o seu olhar **triunfa** sobre o **olho/** (Lacan)., O olhar de Freud, nesse sentido, tem que efeito sobre os analistas? O de um poderoso deus, pai primevo, paralisante, secando-os, tornando-os improdutivos... Repetitivos... Não criativos... Semimortos... Mortos...? Ou, pelo contrário, um olhar de pai-simbólico, intrépido, porém orgulhoso de sua descendência, que, nas suas interrogações, pode igualá-lo e até ultrapassá-lo? Para concluir, a questão da **teoria/criação/clínica** em psicanálise e de cada analista, aqui e agora, com Freud e para além de Freud, especialmente do seu **bom/mau olhar**, e de todos os analistas que o sucederam e que ainda irão sucedê-lo, está numa procura... Perene... que se materializa, num primeiro momento, em uma profusão de textos e criações sobre/de Freud... numa práxis... identificação com objeto amado... porém **definitivamente perdido...**; e, num segundo momento, numa produção a partir dos **restos não analisados de cada um...** lugar da criação... **das (re)construções...** um espaço em que se procura **pensar o pensamento de Freud**, para além do próprio Freud, porém... sempre preso a um **furo...** um **vazio aspirante...** uma **força que atrai os significantes...** uma busca que os anima e dá consistência à cadeia... **objeto a... lugar de uma não resposta... lugar da criação...**” (GRÎPHOS, nº 12, p. 53 e 54)

O texto acima, de dezesseis anos passados, me parece que responde, pelo menos em parte, à interrogação antes feita: Existe uma saída possível? Assim, ao lado do “... *objeto a... lugar de uma não resposta... lugar da criação...*” eu acrescento hoje um contraponto, fruto das minhas pesquisas e articulações, sempre a partir da clínica e da contínua observação do meio analítico, feitas nos últimos anos: **o espaço potencial^{xviii}** - lugar primordial da criação através do(s) objeto(s) transicional(ais). Se, segundo a minha concepção, a Psicanálise pode e deve ser considerada também um objeto transicional, as considerações a seguir me parecem procedentes. Neste sentido, eu proponho uma articulação entre **o objeto a de Lacan e o objeto transicional de Winnicott. Este encontro** assim é visto, no meu entender, melhor do que ninguém, por Perla Klautau:

Com Winnicott e Lacan dialogam as vertentes inglesas e francesas da psicanálise. Trabalham frequentemente por caminhos semelhantes, com defasagens temporais que acentuam suas idiossincrasias teóricas – a hiância lacaniana postulada desde o princípio da relação mãe-bebê diante da visão de Winnicott, mais propenso a acreditar que essa lacuna é uma conquista que exige uma **transição** até a constituição da subjetividade. Mas **o espaço intermediário está sempre lá, tanto na leitura winnicottiana**

quanto na vertente lacaniana, embora uma privilegie a noção de continuidade na teorização do objeto transicional e a outra valorize a noção de falta através da teorização do objeto (...) a presença do espaço intermediário aponta para uma renovação da prática analítica já que não nos dá uma direção, mas sim a bifurca. Por um lado, podemos destacar que, ao valorizar a noção da **falta** do objeto, Lacan parte e privilegia uma prática interpretativa dirigida, basicamente, para as formações do inconsciente. Por outro lado, seria interessante ressaltar que, ao enfatizar a noção de **continuidade** no desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott adota uma prática clínica voltada primeiramente para o estabelecimento de um holding que propicia a instalação da noção subjetiva de falta, de modo a permitir que as expressões do desejo e da falta sejam interpretadas.(grifos meus)

Neste momento uma pausa: está ficando claro *que eu me proponho a utilizar o próprio pensamento psicanalítico visando a uma interpelação de cada analista na sua trajetória de recriar a Psicanálise, como eu disse em 2007.*

Sendo assim, os conceitos de **objeto transicional de Winnicott** e o de **objeto a de Lacan** instrumentam, assim penso, cada um de nós a fazer três movimentos articulados entre si:

1. *Processar*, num primeiro momento, em função da **falta**, uma ruptura com a dimensão oracular de Freud e, em seguida, com todos aqueles que foram referência em sua trajetória, seja como analisando, seja como discípulo, tornando possível realizar aquilo que conhecemos como uma divisa a ser alcançada por todos nós: *faça tua a herança que recebeste dos teus pais.*

2. *Sustentar*, cunhando uma espécie de travessia que só seria/será possível se cada um de nós, enquanto analista, conseguirmos manter e garantir uma **continuidade** de identificação sempre presente – juntamente com os restos de análise – com os analistas que nos antecederam sem, contudo, deixar de apontar o que ficou por conta da falta, ou seja, daquilo que eles não puderam, não tiveram tempo ou não lhes foi possível criar ou articular durante a sua passagem pela vida – fato incontestável se examinarmos a trajetória de qualquer sujeito verdadeiramente produtivo no campo intelectual.

3. *Acolher* o efêmero – marca da **transição** – sempre presente na busca do conhecimento não como uma falha irremediável, mas como parte do próprio processo de transformação.

A **falta, a continuidade e a transição** como foram vistas acima, segundo o meu entendimento, estão bem de acordo com a definição de Psicanálise feita por Freud, em 1922, no seu artigo "Dois Verbetes de Enciclopédia". Para ele:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica^{xix}.

Neste mesmo texto – Dois Verbetes... –, assim Freud finaliza a sua comunicação:

A Psicanálise como Ciência Empírica. - A psicanálise não é, como as filosofias, um sistema que parta de alguns conceitos básicos nitidamente definidos, procurando apreender todo o universo com o auxílio deles, e, uma vez completo, não possui mais lugar para novas descobertas ou uma melhor compreensão. Pelo contrário, ela se atém aos fatos de seu campo de estudo, procura resolver os problemas imediatos da observação, sonda o caminho à frente com o auxílio da experiência, acha-se sempre incompleta e sempre pronta a corrigir ou a modificar suas teorias. Não há incongruência (não mais que no caso da física ou da química) se a seus conceitos mais gerais falta clareza e seus postulados são provisórios; ela deixa a definição mais precisa deles aos resultados do trabalho futuro.

Neste sentido me parece claro que diante da **continuidade, da falta e da transitoriedade**, ou seja, das vicissitudes naturais proporcionadas pela diferenciação progressiva e dos limites impostos pela incompletude do sujeito, compete a todo analista constatar/aceitar que, antes de se constituir um saber completo, a Psicanálise, como toda forma de conhecimento, é um saber em constante estado de transformação. Sendo assim, a própria definição de Psicanálise proposta por Freud implica em mudanças constantes tanto na teoria quanto na clínica psicanalítica^{xx}.

Se o sujeito – objeto final da escuta psicanalítica – é comprovadamente preso, a um só tempo, a uma **continuidade** transpassada por uma por **incompletude**, não faz sentido se pensar numa Psicanálise pronta. Ao contrário

será sempre, como já foi dito, em *um projeto em andamento*, sempre transitório...

5. Para concluir..., não concluindo:

Sendo assim, **a Falta, a Continuidade e a Transitoriedade** – são a tríade que sustenta a Psicanálise. Pensando com Winnicott^{xxi} que diz “os *adultos amadurecidos levam vitalidade para o que é antigo e ortodoxo, recriando-o após destruí-lo...*”, constato que eu venho tentando, há anos, recriar uma teoria e uma prática tão caras a mim que **imaginariamente tenho destruído ou destruí, mas sempre com o propósito de vitalizá-las segundo o que a clínica que pratico me devolve.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FREUD, Sigmund. *Obras Completas de Sigmund*. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1976. V.6. A psicopatologia da vida cotidiana, p.287.

GRÎPHOS - Psicanálise. Belo Horizonte: IEPSI, 1978. 78 p. (nº 12, Set/1994).

KLAUTAU, Perla. *Encontros e desencontros entre Winnicott e Lacan*. São Paulo: Escuta, 2002. 143p.

LEBRUN, J.P. *Um mundo sem limite: ensaio para uma clínica psicanalítica do social*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004, p.12 e 211.

LEBRUN, Jean - Pierre. *A perversão comum: viver juntos sem outro*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2008. 352p.

LINS, Maria Ivone Accioly. LUZ, Rogerio. *D.W. Winnicott: experiência clínica & experiência estética*. Rio de Janeiro: Revinter, 1998, p.14.

MELMAN, Charles. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Entrevista por Jean-Pierre Lebrun. Trad. Sandra Regina Felgueiras. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003, p.15.

NEVES, João Francisco. *Psicanálise de família: uma teoria e uma clínica da pós-modernidade*. Segunda Jornada: Pós-modernidade: família, casal e suas vicissitudes. 30 de outubro de 2004.

NEVES, João Francisco. *O tema é psicanálise... E psicanalistas: uma relação (ab) surda?* XI Jornada do IEPSI - 26 e 27 de agosto de 1989. p. 3,5. 8p

NEVES, João Francisco. *Projeto para uma psicanálise no século XXI. Primeiro Extrato: Para um Mais Além...* Versão nº2. 2007, p.20. 30p.

NEVES, João Francisco. *Uma vez mais, sonho...* Palestra de abertura da III Jornada do Phorus i.p- Instituto de Psicanálise, 5 de novembro de 2005.

NEVES, João Francisco. *Casuística α*. Phorus i.p Instituto de Psicanálise, 14 de Março de 2008.

PACHECO FILHO, Albino; JUNIOR COELHO, Nelson; ROSA, Miriam Debieux. *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo: EDUC, 2000, p.34. (BOURDIEU, P. citado por PACHECO FILHO et AL., 2000, p.34)

TELLES, Sérgio. *O psicanalista vai ao cinema: artigos sobre psicanálise e cinema*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. 182p.

NOTAS

ⁱ O título deste texto foi inspirado no ensaio do Dr. Antonio Franco Ribeiro da Silva, intitulado: *O saber instituído e a criação*. In: GRIPHOS nº 12 p. 47. Versão dois (30/09/2010).

ⁱⁱ PIERRE, 2008. Epígrafe.

ⁱⁱⁱ IDEM.

^{iv} IDEM.

^v NEVES, João Francisco. *Projeto para uma Psicanálise no Século XXI*. Segundo Extrato: A Escuta Psicanalítica da Família. Segundo Esboço de uma Metapsicologia – O Espaço α: De uma Hipótese a uma linha de pesquisa.

^{vi} NEVES, João Francisco. *Casuística α*. Belo Horizonte, Phorus, 2008.

^{vii} NEVES, João Francisco. *Psicanálise de família: uma teoria e uma clínica da pós-modernidade*. Segunda Jornada: Pós-modernidade: família, casal e suas vicissitudes. 30 de Outubro de 2004.

^{viii} Idem

^{ix} Idem

^x Trata-se de uma prática clínica que sustento há algum tempo.

^{xi} NEVES, João Francisco. *Psicanálise de família: uma teoria e uma clínica da pós-modernidade*. Segunda Jornada: Pós-modernidade: família, casal e suas vicissitudes. 30 de Outubro de 2004.

^{xii} . *Daí a importância, eu diria, ética — especialmente para os analistas — de se repensar o mundo em que se vive enfocando-se não só o sujeito, mas também seu estar-no-mundo, com todas as suas implicações. Essas transformações rápidas trazem o que se convencionou chamar*

de nova economia psíquica. Charles Melman esclarece: “Há uma nova forma de pensar, de julgar, de comer, de transar, de se casar ou não, de viver a família, a pátria, os ideais, de viver-se”.

Hoje, mais do que nunca, percebe-se que a sustentação do sujeito não se dá mais com referência a um ideal, mas a um objeto. Sem uma inscrição simbólica sustentável, o sujeito — antes em desespero, atualmente, também, em desalento — sente muita insegurança, angústia e, sobretudo, incerteza. Além disso ou, talvez, por tudo isso, no tempo presente, vêm aumentando, de forma visível, as chamadas patologias da pós-modernidade. É cada vez maior o apelo ao fundamentalismo, às tiranias de toda ordem, numa crença cada vez mais arraigada nas soluções autoritárias. Se cada um se sente com direito a tudo que deseja, há uma forte tendência ao igualitarismo. Com tudo isso, desaparece o sujeito do desejo que é substituído pelo sujeito da necessidade, da demanda. Dessa forma, passa-se rapidamente da civilização do recalque para a civilização do gozo. Essa liberação sem limites leva todos para o caminho da “desespeciação”, ou seja, a saída da “espécie humana.” Daí uma forte inclinação à passagem ao ato em decorrência de um apelo contínuo à emoção, que eclipsa, então, a razão e o julgamento. O novo “deus” é o mercado, e o hiperconsumismo, a religião. O adulto tende a permanecer no que Charles Melman chama de uma criança generalizada. (NEVES, 2004, p.12-13).

^{xiii} NEVES, João Francisco. O tema é psicanálise... E psicanalistas: uma relação (ab) surda? XI Jornada do IEPSI - 26 e 27 de agosto de 1989. p. 3-5. 8p.

^{xiv} Segundo Jones, assim Freud se referiu ao Comitê:

“O que logo tomou conta de minha imaginação foi a idéia de um conselho secreto composto dos melhores e mais dignos de confiança dos nossos homens para cuidar do desenvolvimento da psicanálise quando eu não existir mais (...) Sei que há um elemento infantil e talvez ele pudesse ser adaptado para ir ao encontro das necessidades da realidade. Darei livre curso à minha fantasia e deixarei para o senhor o papel de censor”.

As expressões conselho secreto, mais dignos de confiança dos nossos homens, para cuidar do desenvolvimento da psicanálise quando eu não mais existir, deixarei para o senhor o papel de censor mostram muito bem o caráter inquisitório, repressor e messiânico do Comitê. Freud, sutilmente, deixa claro que os seus descendentes deveriam continuar a defender a psicanálise de novas defecções.

Não me consta que Albert Einstein tenha, com relação à sua não menos famosa Teoria Geral da Relatividade, articulado algum movimento no sentido de defender as suas concepções de eventuais desvios.

Essa espécie de Guarda Pretoriana criada com o objetivo de evitar que a psicanálise caísse em mãos estranhas, configura um fato da maior importância, cujas consequências se fazem até hoje: de um lado, todas as estruturas institucionais psicanalíticas existentes no mundo, com nomes diferentes ou sem nome, têm um sistema de proteção similar aos guardas; de outro, com relação aos psicanalistas, cada um deles é transformado em cavaleiro (ou amazona) disposto(a) a defender uma mui gentil donzela de todas as maldades do mundo, ou seja, das idéias estranhas à psicanálise sob forma de eventuais des(des)vios.

Qual a origem do fato de que instituições e analistas, na sua maioria, assumam uma autêntica cruzada em defesa daquilo que chamam de a verdadeira psicanálise? Dentre as muitas propostas, uma me parece importante: cada analista ou instituição, identificado com Freud, toma para si a tarefa de se colocar em defesa da psicanálise como naqueles tempos (mal) ditos heróicos... O fenômeno ocorreu com um efeito cascata: as estruturas institucionais e os analistas foram se sucedendo, sempre levando consigo, este caráter de movimento, o que gera, às vezes, aquele já referido mal-estar.

Em Freud, o homem e sua obra se confundem: a psicanálise era (é) propriedade pessoal de Freud. Em outras palavras: penso que, para Freud só era (é) psicanálise se fosse (for) freudiana. E eu me pergunto se, para cada analista, a ela não continua sendo também uma propriedade pessoal, intransferível e inalienável. Nesse caso, ela é freudiana ou toma o nome de alguém que foi transformado em um mentor, similar a Freud, que sai em defesa da causa.

^{xv} GRIPHOS: Psicanálise. Belo Horizonte: IEPSI, 1978. 78 p. (n° 12, Set/1994). p. 47.

^{xvi} TELES, 2004.

^{xvii} A propósito do que eu chamei a acima de **controle subliminar** ou inconsciente, eu tenho um testemunho pessoal que passo a relatar. Eu me dou conta que é o momento ideal para admitir, publicamente, **mea culpa**. Em 1989 eu apresentei um ensaio em uma Jornada da instituição a que eu, então, pertencia na época, intitulado: “O Tema é Psicanálise...” E Psicanalistas: Uma relação (ab) surda?” O texto teve uma recepção que, eu considere na época e, ainda hoje considero, gélida”. Disseram-me, então, o seguinte: -” Você escreveu sobre o real e, portanto não há o que falar...”. E fez-se um silêncio pesado. Em 1994, na revista Gríphos – Psicanálise, eu escrevi um segundo ensaio que levava o nome de: “Psicanálise: Teoria e Criação...algumas implicações com a figura de Freud...”. Ora, tanto o primeiro quanto o segundo texto têm profundas implicações com a figura de Freud. O que torna a coisa mais grave é o fato de, no texto de 1994 – portanto cinco anos depois -, eu transcrevo um longo trecho do ensaio de 1989 sem, contudo, citar a fonte ou mencionar o ocorrido de 1989. Recentemente, em novembro de 2009, numa carta aberta aos colegas do PHORUS I.P. – Instituto de Psicanálise, falo das minhas relações com a comunidade psicanalítica sem, novamente fazer qualquer referência ao fato acontecido embora eu cite o escrito de 1989. Em resumo: através de uma, auto-análise, eu posso concluir as razões do meu silêncio e de um relativo isolamento, preferindo a solidão ou, no máximo, compartilhar as minhas idéias com um pequeno grupo como é do conhecimento de todos. Na realidade foram necessários vinte anos para que eu pudesse tomar plena consciência de toda a extensão e profundidade deste acontecimento que eu considero de extrema importância para o meu amadurecimento intelectual. Mais adiante voltarei a falar das implicações para o sujeito decorrente do seu engajamento institucional.

^{xviii} Apresentei, para discussão de seu valor como ideia, a tese de que o brincar criativo e a experiência cultural, incluindo seus desenvolvimentos mais apurados têm como posição o espaço potencial existente entre o bebê e a mãe. Refiro-me à área hipotética que existe (mas pode não existir) entre o bebê e o objeto (mãe ou parte desta) durante a fase do repúdio do objeto como não-eu, isto é, ao final da fase de estar fundido ao objeto. (WINNICOTT, 1975,149)

^{xix} Freud, Sigmund. Obras completas de Sigmund Freud. Além do Princípio de prazer, psicologia e outros trabalhos. Volume XVIII 1920- 1922.

^{xx} Em um texto¹ recente, a propósito desta questão assim eu me expresso:

*“(In)consciente que o saber analítico é **vorlaufig – provisório** – parto da premissa que todo analista deve estar atento, reexaminando, a cada passo, as concepções **ontológicas, epistemológicas e antropológicas** do sujeito contemporâneo com o objetivo de acercar-se das bases **clínicas e metapsicológicas** da Psicanálise estando, continuamente, aberto à modificações e para um além... muito além... Por exemplo: até que ponto se sustenta a concepção da natureza essencialista do sujeito? Ou seja, a crença na existência de uma interioridade absoluta que a observação clínica e a pesquisa não confirmam. Ao contrário, o que se pode constatar é a existência de um sujeito que transcende, a todo momento, os contornos da pele, num estar no mundo em constante interação...(...) a **Psicanálise é, foi e será sempre um Projeto em andamento/inconcluso** tanto do ponto de vista clínico quanto teórico...(...) Embora ela se utilize, como foi visto, continuamente, dos saberes do seu tempo a conclusão é sempre a mesma, sem dúvida ou questionamento como muito bem exclamou Freud certa vez: “ **A psicanálise fará da sè**”...*

Observação acrescentada em novembro de 2010: Neste ponto é possível constatar que a condução da nossa própria vida- enquanto sujeito falante - guarda muitas semelhanças com que acaba de ser dito

1. NEVES, João Francisco. Projeto para uma psicanálise no século XXI. Primeiro Extrato: Para uma Mais Além... Versão n 2.2007. p.20. 30 p.

^{xxi} LINS, 1998, p.14.